

# Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506  1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.  CDD 301
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>45</b>
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
LGBTTOFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>123</b>
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>133</b>
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>146</b>
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>166</b>
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
<a href="#">Marcelo Pereira Souza</a> <a href="#">Marcelo Alário Ennes</a> <a href="#">Alessandra Rodeiro Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>182</b>
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
<a href="#">Isabela Magalhães Bosi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>188</b>
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
<a href="#">Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>205</b>
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
<a href="#">Raniery Silva Guedes de Araujo</a> <a href="#">Karla Estelita Godoy</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>212</b>
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
<a href="#">Paulo Sérgio de Proença</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>225</b>
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
<a href="#">Marcos Silva da Silveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.25219250620</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>238</b>

## BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL

### Ana Paula Garcia Boscatti

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Doutoranda no Programa Interdisciplinar em  
Ciências Humanas  
Florianópolis – Santa Catarina

### Joana Maria Pedro

Universidade Federal de Santa Catarina,  
Professora do Programa de Pós-Graduação em  
História  
Florianópolis – Santa Catarina

**RESUMO:** Esse trabalho pretende entender a invenção da bunda feminina como um subproduto da cultura nacional, que permitiu a emergência de lutas simbólicas pela mestiçagem e as colonialidades. Inúmeras representações, performances, corporalidades, manifestações culturais e artísticas se expressam através do “baixo corporal”. Apesar de todas essas formas de expressão, a bunda feminina também é um discurso sobre a sexualidade da mulher brasileira que é produzido ao longo da história por instituições, símbolos, representações, etc. De modo que esse artigo pretende pontuar alguns discursos que possibilitaram a invenção da bunda feminina como parte da cultura nacional, encontrando ressonância nas políticas dos anos 60 e 70, sobre as quais se amparam no resgate de ideias das obras de Gilberto Freyre e na redefinição do mercado de

bens simbólicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bunda; cultura nacional; mestiçagem.

**ABSTRACT:** This work intends to understand the invention of the female butt as a byproduct of the national culture, which allowed the emergence of symbolic fights about miscegenation and colonialities. Numerous representations, performances, corporalities, cultural and artistic manifestations are expressed through the “lower stratum”. In spite of all these forms of expression, the female butt is also a discourse about the sexuality of the Brazilian woman that is produced by institutions, symbols, representations, etc. Thus, this article intends to present some discourses that made possible the invention of the female butt as part of the national culture, finding resonance in the policies of the 60s and 70s, with the rescue of the ideas of Gilberto Freyre and the redefinition of the symbolic goods market.

**KEYWORDS:** Butt; national culture, miscegenation.

### 1 | INTRODUÇÃO

O “baixo corporal” estetizou a cultura brasileira. Para Bakhtin (1979) o movimento em direção ao rebaixamento é uma das expressões do riso popular e consiste em transferir aquilo

o que é elevado e ideal para o plano material do corpo e da matéria. Dentro dessa compreensão, o alto é o céu e o baixo é a terra, no aspecto corporal “o alto é a face (a cabeça), o baixo os órgãos genitais, o ventre e o traseiro” (BAKHTIN, 1979, p.26). O baixo, é por conseguinte uma manifestação de muita potência expressiva, uma vez que se constitui da força da terra, ligando as partes baixas do corpo, onde se confundem vida e morte e onde as trocas com o mundo são abundantes (as evacuações, a reprodução, o parto). Ao longo dos séculos no Brasil, o baixo corporal tem sido ritualizado, representado e experimentado de diversas maneiras, de modo a compor uma cultura visual. Especialmente no Brasil, as relações de poder e saber, associaram esse modo de experimentar o grotesco-sublime a um imenso de mercado de produtos e serviços ligados ao corpo e particularmente, a bunda.

A bunda brasileira gera um amplo mercado, e servindo ao capitalismo, criou uma “marca” e um subproduto que contempla desde cirurgias plásticas inspiradas no volume, tamanho e densidade da bunda do imaginário nacional, a moda praia bem estabelecida no mercado internacional, o carnaval, o turismo sexual, dos gringos na busca de mulheres supersexualizadas e dispostas a intercâmbios sexuais. É fato, como aponta Rocha (2012), que existem inúmeras representações do baixo corporal na cultura brasileira dos quais foram incorporadas como parte da identidade nacional. Ao contrário do processo de disciplinarização do corpo nas sociedades de tradição anglo-saxãs, a cultura popular no Brasil para Rocha (idem), não se domesticou inteiramente. As origens do “corpo malandro” podem ser vistas e celebradas nos festejos, tipos e narrativas folclóricas, nas manifestações culturais populares tais como às danças, os rituais de sociabilidade, as modas, e as novas interpretações realizadas pela indústria cultural. A origem da palavra “malandro” como lembra o autor, remete ao propósito do “mal andar”, o que indica uma conotação moral e estética inadequada. Deste modo, observamos o baixo corporal atravessando nosso cotidiano, nele são contadas e recontadas histórias. Ele está presente na literatura, na mídia e na cultura popular.

Como mostra Benedict Anderson (1994) às identidades nacionais são compostas por comunidades imaginadas visto que os membros da nação, “mesmo da menor delas, nunca conhecerão a maioria de seus conterrâneos, nunca os encontrarão ou até mesmo ouvirão a seu respeito; ainda assim, eles terão em suas mentes a imagem de sua comunhão” (idem, p. 224). Membros de uma comunidade, apesar da potencial impossibilidade de interação real uns com os outros, não deixam de compartilhar interesses ou aspectos identitários comuns.

Segundo Hall (2006) as identidades culturais são formadas no interior da representação, a “brasilidade” só pode ser constituída no interior de um sistema de significados da cultura nacional brasileira, já que uma nação não se resume apenas a uma entidade política, mas se trata, sobretudo, de um sistema de representação cultural. De modo, que as pessoas que pertencem a determinado Estado Nacional não são apenas cidadãos do ponto de vista legal, mas compartilham uma ideia de nação que lhes é comum. Assim, uma cultura nacional é um discurso, porque constrói

sentidos que influenciam o modo de pensarmos sobre nós e organiza nosso modo de agir. Ao construir sentidos sobre a Nação, produz também significados com os quais nós podemos nos identificar.

A identidade conecta nossas vidas com um destino nacional comum. As imagens da cidade do Rio de Janeiro do cartão postal, a praia de Ipanema, as mulheres seminuas, o monumento da Praça de Apoteose, as tendências “lançadas no Brasil” na moda praia, a cirurgia plástica chamada “*brazilian butt lift*” entre tantos outros elementos configuram um imaginário que torna a bunda, uma corporalidade brasileira tal como pode ser representada em uma “paisagem corporal” (ROCHA, 2012) em uma estetização da vida cotidiana brasileira.

A “corporalidade brasileira” se manifesta através de inúmeros campos discursivos, através dos quais se apresentam visualidades, performances, gestos, oralidades etc. Como mostra o autor, sobretudo, é a partir desses discursos que “a sociedade pensa sobre si mesma, define sua identidade, se inventa como cultura, se representa hierarquicamente, se expressa como ritual e, etnocentricamente, se vê como única” (idem, p.81). De modo que podemos concebê-la como um “idioma simbólico” através do qual se apresenta um sistema de significados que constroem a identidade nacional.

A questão que se desenvolve aqui é que apesar de muitas dessas referências discursivas também se configurarem no universo masculino, a abordagem e o sistema simbólico que é associado a bunda feminina é muito diferente do masculino. A perspectiva feminista permite pensar a respeito dessa representação, não somente como fruto de uma cultura que foi estetizada dessa forma, mas especialmente, como produto de lutas simbólicas que envolvem a colonialidades e a mestiçagem.

## 2 | A DISCUSSÃO SOBRE AS DECOLONIALIDADES E MISTIÇAGEM

Para Quijano (2005) a “colonialidade de poder” reforça e alimenta a dominação de homens sobre mulheres uma vez que vão além da dominação racial, pois se trata de um sistema de poder que aborda o controle do acesso sexual, a autoridade coletiva, o trabalho, a subjetividade, a produção do conhecimento. Lugones (2008) realiza várias críticas ao sociólogo Aníbal Quijano, ao deixar de lado a perspectiva de análise do gênero e apenas alocar sexo como sinônimo de gênero, sem problematizar essa questão em seus escritos e reflexões sobre a sociedade, permite que seus apontamentos sejam pautados em análises patriarcais e heterossexuais, o que não viabiliza análises históricas que visem a crítica social. A partir disso, ela propõe o sistema moderno/colonial de gênero, o qual sugere que os estudos devam-se pautar em análises interseccionais a partir do capitalismo eurocentrado global, pois assim permitiria uma compreensão das relações de poder sobre as mulheres e entre as mulheres (ela também realiza críticas ao feminismo das mulheres brancas e burguesas que desconsideram a opressão das mulheres negras) e do mesmo modo, possibilite o

reconhecimento e a crítica as diferentes hierarquias de poder que se estabelecem na cartografia social. Desse modo, a colonialidade de gênero é também um sistema de binariedades e dominação que se sustentam no capitalismo moderno, mas para isso, partem da colonialidade e dos processos de sujeição dos povos colonizados.

Deste modo, a partir das sujeições em termos de gênero, sexualidade, subjetividade, autoridade e trabalho que permearam o mundo colonial onde foram produzidas hierarquias que animalizaram o corpo da mulher negra. Já que dentro desse quadro de representações entre norte e sul, essas diferenças são marcadas por esses limites etno-raciais. Autoras como Shohat (1992); MacKlinton, (1992); Mohanty, (1991), apontam para as desigualdades que emergem a partir das nacionalidades. Os trabalhos de Adriana Piscitelli (2008; 2007) trazem a experiência de migrantes e viajantes brasileiras que são influenciadas através da intersecção das noções de gênero, sexualidade, raça, etnicidade e nacionalidade, já que por serem brasileiras já são sexualizadas e racializadas através sua feminilidade. O estupro foi uma das práticas de poder do colonialismo e do racismo, já que as relações econômicas e políticas também são conformadas em termos do sexo, ou seja, são dominadas e realizadas através da sexualidade. Esse sistema de praticas que é global e regional não são somente um mito, ou uma metáfora do real, posto que abrangem um sistema de práticas políticas e econômicas já existente entre essas nações (TADIAR, 1993). Como lembra Anne McClintock (1995), as narrativas de viajantes europeus pelas Américas, África, Ásia que eram cercadas de visões sobre a sexualidade exagerada dos povos que aqui habitavam, evocando o que a autora chama de “erótica da violação”. A práxis da violência sexual nas colônias estabelece a ideologia de que os corpos indígenas e negros são naturalmente violáveis, segundo afirma Smith (2014).

As narrativas que acompanham a história do Brasil, não são diferentes dessas, uma vez que a bunda é parte desse sistema de poder que pretende através dos corpos ampliar o domínio do invasor branco através de um sistema de coerções. Sobretudo porque há uma associação binária da feminilidade branca e burguesa e do imaginário que atravessa a animalidade dos corpos das mulheres negras, tornadas no processo de mestiçagem mulatas, símbolo nacional que conforma a hierarquização da colonialidade de gênero, produzindo uma sensualidade pornográfica, no qual a bunda será metáfora dessa sexualidade nacional gendradada e racializada.

As elites brasileiras no final do século XIX e início do século XX, com o fim do sistema escravista passam a problematizar a existência de ex-escravas e escravos negros, que agora estariam livres. Como eram presentes na sociedade brasileira era importante transforma-los em parte formadora da nação e da identidade nacional. Como em muitos países colonizados as respostas para tais questões estariam na ciência europeia ocidental já que ela pretendia entender como se constituía a diversidade racial. As inquietações das elites dominantes voltavam-se para a influencia negativa que a presença dos negros poderia resultar na identidade étnica do país

Segundo Munanga (1999), a mestiçagem foi principalmente debatida, no campo

da intelectualidade, desde a primeira República por: Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manuel Bonfim, Nina Rodrigues, João Batista Lacerda, Edgar Roquete Pinto, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, etc. Apesar das diferenças de pontos de vistas, todos os autores citados tinham por objetivo formular teoricamente uma teoria do tipo ético brasileira, buscando defini-lo enquanto povo e enquanto país.

Se por um lado o racismo científico produzia teorias que buscavam comprovar a inferioridade de alguns grupos étnicos não-brancos e pobres, por outro, autores como Gilberto Freyre (1950) e Roquette-Pinto (1975) sinalizam a potência étnica que a miscigenação promovia no Brasil. Enquanto Freyre salienta a importância da herança negra e indígena na formação da sociedade brasileira ele também, inscreve a mulher negra dentro de uma concepção de hipersexualização, tal como entendia o racismo científico. O cenário que passa o livro aborda a economia do latifúndio de monocultivo da cana de açúcar onde a estrutura de poder estava na mão dos senhores brancos e as mulheres brancas ricas em relação de privilégio as mulheres pobres, negras e indígenas. Para o autor, a pouca quantidade de mulheres brancas deu espaço a necessidade de aproximação sexual dos senhores brancos com as escravas negras e as indígenas, que mesmo pautada em uma relação de poder entre os senhores e as escravas. Ignorando as violências que são conhecidas provenientes da hierarquia desse contato, para Freyre havia uma flexibilidade natural do português que facilitava a aproximação entre as escravas e o senhor. Deste modo, ele atribui a origem histórica da miscigenação que diminuiria a distância entre a casa grande e senzala, opondo-se ao processo de aristocratização que é fruto da monocultura, do latifúndio escravocrata.

A plasticidade da relação entre a negra, a índia e o homem branco deu origem às misturas étnicas. Mas, além disso, houve também uma mestiçagem no campo cultural, nasceu também o mito da “democracia racial”. Para Munanga (1999), este mito é baseado na dupla mestiçagem: a iniológica e a cultural que abrange as três principais raças originárias e permite entender que havia uma convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, que possibilitou às elites de falsear as desigualdades e negar o acesso à consciência das comunidades não brancas em relação aos mecanismos de exclusão do qual são parte.

Segundo Freyre, o maior fator da colonização era a família patriarcal e o princípio da autoridade, da coesão e da obediência. Esse modelo ideal de família poderia limitar o desespero da pluralidade racial e conformar a todos com a democracia racial, já que as poucas mulheres brancas não permitia de fato, a formação de uma desejada aristocracia distintamente portuguesa. Conforme Freyre “independente da falta ou escassez de mulher branca o português sempre pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica” (idem p.255). Isso se daria porque o povo português apresentaria uma maior plasticidade social frente a outros povos europeus.

O interesse sexual esteve sempre submetido às preferências do colonizador branco, como lembra Munanga. Para Freyre, ao estabelecer-se no país desenvolveu um gosto pelas mulheres não europeias que atendiam perfeitamente seus instintos.

Nota-se em sua obra a centralidade da mulata como a preferida para satisfazer os desejos do homem-branco. Há, portanto, uma construção da mulata como o modelo “verdadeiro” da mulher brasileira, com curvas acentuadas, sedutiva, atravessando os trabalhos de Freyre, por essa razão a importância de pensar esse sistema simbólico que envolve a mestiçagem a partir da sua obra.

Estudos como os de Giacomini (1994) vão problematizar as concepções acerca da constituição da mulata como signo da identidade nacional. De acordo com essa autora, a mulher mulata aparece em contraposição à mulher negra, sendo essa última um elemento representativo da África, ao passo que a outra surge como um resultado positivo da miscigenação, uma verdadeira “síntese da brasilidade”. Elemento agregador entre diferentes povos, a mulata estreita os contatos entre opostos, favorecendo laços com o “outro”. Como representante preferencial do samba e de tudo que é genuinamente brasileiro ela reitera o estereótipo da mulher sensual, sedutora, disponível que já era presente em Freyre.

A capacidade de envolver o homem branco (conquistador colonial) será evidenciada como conquista amorosa. Nisso reside o simbolismo da democracia racial, pois omite e inverte a dominação na qual esteve submetida à mulher negra. A questão que se coloca é: a mudança de status de mulher negra para mulata sedutora, segundo o olhar do homem branco, vai restabelecer a relação de poder, dominação que é racial e sexual, visto que será consequência dos atributos naturais da mulher mulata (negra). Assim, a crítica está exatamente na produção de estereótipos que reforçam a democracia racial e omite nosso passado de violências da escravidão.

Para Rago (2006), isso teria mobilizado estereótipos em relação à mulher não europeia, já que eram tidas como mais próximas à natureza. A construção de Gilberto Freyre no artigo “A paixão nacional” vai relatar o processo de colonização e omitindo as violências sexuais, e salientando a bunda como parte desse sistema de poder patriarcal que pretender através dos corpos ampliar seus domínios:

“... Pois para a satisfação de ardores sexuais o macho patriarcal brasileiro tinha, a seu dispor -- por vezes defrontando-se com ciúmes de esposas ciosas de seus direitos conjugais--, escravas, mucamas, morenidades em vários graus de mulheres. Isto, dentro da reciprocidade casa grande-senzala. Miscigenadas, como se a miscigenação se fizesse através de experimentos antropológicamente eugênicos e estéticos. Experimentos que permitissem que fosse com que graduadas saliências de bundas evitando-se os exageros africanóides...” (NOGUEIRA, apud FREYRE 1984, on-line)

Assim, a bunda se torna uma metáfora da sexualidade “lasciva” da mulher negra, que funda um país forjado pelos intercursos sexuais marcados pela dominação do homem branco em relação às mulheres indígenas e negras, projeto vinculado ao domínio da colonidade de poder, saber e gênero que vão hierarquizar as relações entre homens e mulheres e entre mulheres e mulheres, como é mencionado no texto de Freyre, referindo-se as mulheres brancas casadas com “senhores” que teriam “ciúmes de esposas ciosas de seus direitos conjugais”. Construída por Freyre como

um símbolo nacional, a mulata e a sexualidade racializada da mulher brasileira, representada muitas vezes pela bunda, serão retomados como projeto nacional na ditadura militar dos anos 60 a 80, onde a bunda se torna um subproduto das políticas neoliberais que se ampliam na abertura de novos mercados e no fortalecimento da indústria cultural.

### 3 | AS POLÍTICAS NACIONALISTAS DOS ANOS 60 E 70

Na ditadura militar brasileira as ideias de Gilberto Freyre são retomadas, inclusive através da sua própria participação na formulação intelectual das políticas nacionais, onde passou integrar o Conselho Federal de Cultura, ainda durante a década de 70. Ele publica em 1984 um artigo denominado “A paixão nacional”, no qual versa sobre a importância da bunda, no processo de mestiçagem no Brasil. As construções de elementos “nacionais” que permeiam o imaginário social são realizadas por agentes intermediários: os intelectuais. Eles são mediadores porque constroem uma relação entre “particular e o universal, o singular e o global” (ORTIZ 2012 p.139). Ou seja, através dos intelectuais que o Estado se apropria das práticas populares para colocá-las como expressão nacional.

O Estado investe na construção de uma corporalidade brasileira dentro de um sistema de representações que vão envolver a mídia (que era controlada pelo Estado), a literatura e a cultura popular, como vemos em Freyre, através da abordagem da bunda vinculada a uma tradição “patriarcal” associada à sexualização da mulata (onde o Carnaval terá uma influência central), mas que vai ser resignificada como subproduto do mercado que era amparado em políticas que favoreciam o consumo das classes médias. Ou seja, a bunda feminina será incorporada pelo mercado moda praia, do prêt-à-porter, cosmético, o turismo sexual, de cirurgia estética, como elemento central na performance da feminilidade nacional, voltando suas estratégias de mercado especialmente para as classes médias brancas urbanas. O que de certa forma, vai permitir que a bunda feminina seja associada ao consumo, através da narrativa da busca das formas perfeitas, ao combate as gorduras e como diz Lara Beleli (2007):

“Os corpos femininos – ‘figurinhas carimbadas’, algumas vezes literalmente, na publicidade – são expostos como um ‘patrimônio’, um capital cultural que suplanta a inteligência, a competência, atributos tidos como constituidores de masculinidade. A bunda é um alvo preferencial na propaganda, particularmente no Brasil..”(p. 10)

No momento em que a economia brasileira cria um mercado de bens materiais, paralelamente se configura também um mercado de bens simbólicos na área da cultura (ORTIZ, 2012). O que define esse mercado no período posterior a 1964 é o seu volume e dimensão. Diferente das produções culturais da década de 1930 que penetravam um número restrito de pessoas. Na década de 1960, se tornaram muito diferenciadas e atingiram um público consumidor cada vez maior. Entretanto, dada à extensão desse mercado diferenciado e nacional, coloca ao Estado o problema da

“integração”. A ideia de integração nacional é inventada pela ideologia de Segurança Nacional. Inspirados pela leitura *durkheimiana* que apresenta a necessidade da cultura funcional como base da solidariedade orgânica da Nação ao definir a integridade nacional como “comunidade” no Manual da Escola Superior e Guerra como sinaliza Renato Ortiz. Esta ideia de integração trabalhada pelo pensamento autoritário serve de fundamento para a política que orienta os objetivos nacionais. É partir do estímulo a cultura como meio de integração, mas sob o controle do Estado, que essa política se aplica.

Deste modo, as ações do governo são centralizadas ao redor do Poder Nacional e adquirem um caráter sistêmico. Assim, consolidam-se um Sistema Nacional de Turismo em 1967 e um Sistema Nacional de Telecomunicações que integram o Plano Nacional de Cultura. O interessante na constituição deste Plano é que ele detém também uma base que será vinculada a uma série de ações que serão desenvolvidas pelo Estado. Apesar do caráter repressor de da forte repressão política e ideológica, inaugura-se também a emergência de um mercado dominado tanto por empresas privadas como instituições do governo. A ascensão da classe média e a concentração da população em grandes centros urbanos criam a possibilidade de despontar um mercado de bens simbólicos que são consumidos por um público cada vez maior. O período de 1964 - 1980 há um considerável aumento da produção, da circulação e recepção de bens culturais.

Nesta fase consolidam-se grandes conglomerados de comunicação de massa – A TV Globo, a Editora Abril, são exemplos. Observa-se não só uma expansão em relação às telecomunicações, mas também a indústria do disco e o mercado editorial. Renato Ortiz (op. cit. p. 83) apresenta dados em relação à imprensa e o aumento considerável no processo de expansão. Em 1960 a tiragem de periódicos diários era de 3.951.584 e de não diários 4.213.802. Em 1976 ela passa para 1.272,901. 104 diários e 149.415,690 não diários. O mercado adquire então proporções internacionais. Em 1975 a televisão é o nono mercado do mundo, o do disco o quinto e a publicidade o sexto em 1976. Os novos veículos de comunicação representam a reorganização do empresariado brasileiro. Embora o rádio seja a mídia mais utilizada, entre 1960 e 1970, para a grande maioria da população brasileira, esse veículo de comunicação já contava com uma concorrência poderosa da televisão, que já possuía muito investimento em publicidade. Em 1951, só existia a TV Tupi, “o Brasil tinha cerca de 3.500 aparelhos televisivos, passando para aproximadamente 1,8 milhão em 1959, momento em que a Tupi já concorria com a TV Record de São Paulo. 1962, as verbas de publicidade destinadas à televisão passaram de 8% para 24%” (ORTIZ 2012 apud ARAUJO, 2009).

Portanto, analisar a participação do Estado na esfera da cultura é também inserir-lo no processo de desenvolvimento brasileiro já que o Estado é um elemento central na sistematização e dinâmica desse mercado. Assim como o mercado atua também a partir do desenvolvimento de políticas criadas pelo Estado. À medida que as riquezas

se concentram nos grandes centros urbanos e reproduzem as diferenças entre regiões e a divisão do trabalho há também o crescimento desse mercado de bens simbólicos que ao passo das consolidações das indústrias culturais, reorganiza também a política estatal no que se refere à cultura.

A Política Nacional de Turismo harmonizava-se com a política nacional de desenvolvimento com a abertura da EMBRATUR: “o melhor conhecimento recíproco entre os povos, a importância econômica — o turismo era então a segunda atividade econômica mundial, superada apenas pelo petróleo — e a condicionante social e cultural”. Ou seja, o Estado entendia o turismo como instrumento de autoconhecimento dos povos e de seu patrimônio natural e cultural, portanto sua preservação se justificaria a fim de não “perder” a identidade nacional. Para Alfonso (2006), o turismo representa fator de primeiro plano no processo de equilíbrio social e da integração nacional. No ano de 1973 foi criada a Assessoria para Assuntos Internacionais da EMBRATUR, que tinha como um de seus objetivos - organizar e coordenar a participação da Empresa na Brasil Export 1973 (espetáculos e shows que tinham como pano de fundo os cenários do Rio de Janeiro) além de se estabelecer internacionalmente e entrar no mercado turístico europeu (idem). Deste modo, realizam-se alguns congressos internacionais sobre o turismo no Brasil, com o objetivo de estabelecer uma imagem de que o produto brasileiro seria “rentável e estruturado”, não somente para os turistas, mas também para os investidores. A Brasil Export (PENNA, 2013) e a EMBRATUR utilizavam amplamente os discursos de “brasilidade” construídos em símbolos como o samba, o carnaval, a bunda e a mulata a partir dos quais podemos observar:

O mercado da moda praia expande enormemente graças a popularização dos fios sintéticos permite a ampliação e a versatilidade do vestuário, o que possibilita o mercado do prêt-à-porter de instalar-se em condições favoráveis. Tamanho o impacto da introdução desses fios sintéticos que (CARDOSO DE MELLO e NOVAIS, 2000, p. 507) chamariam de “revolução do vestuário”, já que o acesso às fibras naturais barateou o produto e se tornou mais acessível à classe média, permitindo que o que era usado se transformasse radicalmente, tendo em vista que o mercado da moda era relativamente recente no Brasil. A implantação dos fios sintéticos é substancialmente influenciada pela Rhodia, que partindo de uma grande campanha publicitária que garantiu uma fatia no mercado ainda pretendia conceituar uma “moda nacional” com qualidade internacional, além de vender seus produtos e marcas (BONADIO, 2009).

O investimento das marcas através das propagandas e as possibilidades frente ao mercado e a indústria têxtil no Brasil, impulsionaram uma segmentação da divisão de produtos da Rhodia. Exemplo disso é a fibra acrílica Crylor, criada em 1968 com uma produção inicial de 40 toneladas mensais, em 1969 a produção já atingia 100 toneladas/mês e a previsão era de que até o fim do ano a produção atingisse 240 toneladas/mês. (idem). A tanga nos anos 70 e o fio dental nos anos 80, se tornarão principal uma peça central na construção dessa corporalidade brasileira. Assim, as imagens da bunda, que circulavam na expansão da indústria cultural, estetizam a

sociedade brasileira pela sua abrangência e penetração se tornando uma imagem do cotidiano, estampando os editoriais de moda e transformando a modelagem das roupas e a performance corporal exigida.

Portanto, a partir da reformulação do mercado de bens simbólicos, associado a uma política de Estado mediada por intelectuais como Gilberto Freyre que se reafirma uma corporalidade feminina ideal. Dentro desse sistema de representação está inscrito a ideia de mestiçagem e a omissão da violência à mulher negra como caminho a formação da nação, junto a ritualização e resgate da bunda como subproduto da cultura popular através das danças, músicas e especialmente do Carnaval que se constrói um imaginário do Brasil como “paisagem corporal”, como uma marca, um modelo a ser seguido.

O artigo de Gilberto Freyre publicado em 1984 pretende reiterar a memória nacional a partir de uma memória “popular” na qual a bunda cumpre seu papel, enquanto símbolo da sexualidade exagerada das mulatas. Essa memória coletiva pode ser traduzida em um esforço de celebrações sucessivas. Assim, segundo o autor, “o grande número de mulheres brasileiras, a miscigenação pode-se sugerir ter dado ritmos de andar e, portanto, de flexões de corpo, susceptíveis de serem considerados afrodisíacos” (*op.cit*, on-line). Exemplo, disso é o “templo do samba”, a passarela chamada de Sapucaí, onde acontecem os desfiles das escolas de samba no Carnaval brasileiro. Inaugurada em 1984, a passarela possui na Praça da Apoteose, há grande arco criado pelo celebre arquiteto Oscar Niemayer, que conforma uma imagem de uma bunda. Dessa forma, a memória coletiva se manifesta ritualmente, todos os anos ao entrar na avenida. Existe então a teatralização da bunda como um aspecto da ordem da “cultura popular” parte da tradição, que aproxima a um mito fundador da própria sociedade brasileira, compondo deste modo uma cultura visual.

Esse subproduto nacional acompanha nossas práticas cotidianas já que o processo histórico e antropológico nos fornece elementos para pensar como o “baixo corporal” faz parte da nossa cosmologia, ou de uma carnavalização da sociedade brasileira. Dos anos 60 e 70 para cá, reinventamos a bunda como parte da “feminilidade brasileira”, cantamos e dançamos em inúmeras expressões diferentes, revivemos e aprendemos sobre a cultura nacional, acreditando que nossas formas e escolhas estão submetidas a tradições que fazem parte da natureza do nosso povo. Passeamos com Raimundas e seguramos o Tchan do mito da democracia racial (da loirinha, da moreninha) contando desde o Japão até o Egito sobre nosso corpo e nossa cultura. Cantamos as Raimundas para que elas não saiam nunca de nós: a ancestralidade de mulheres negras, tornadas mulatas cujos corpos invadidos, transformaram-se na expressão de um país, traduzido em corpo, sistematizado por um mercado, ou em corpo como capital, para que hoje possamos resignificar sua história como canção da nossa liberdade, ainda que distante.

## REFERÊNCIAS

- ALFONSO, Louise Prado. **EMBRATUR: Formadora de imagens da nação brasileira**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz. Campinas 2006.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo. Cia das Letras. 2008.
- ARAUJO, Felipe. “**Ela que me faz um navegador**”: gênero e mídia nos festivais internacionais da canção (1968 e 1972). I Seminário Nacional de sociologia e política. UFPR. 2009
- BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. tradução de. Yara Frateschi Vieira. - São Paulo.1979.
- BELELI, Iara. **Corpo e identidade na propaganda**. Estudos Feministas, Florianópolis, 15(1): 193-215, janeiro-abril/ 2007.
- BONADIO, Maria Claudia. **O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade; Rhodia S.A. 1960-1970**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Vera Hercília (Vavy) Pacheco Borges.
- CARDOSO DE MELLO, J. M. e NOVAIS, F. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 4. Companhia das Letras, 2000.
- COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1987.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia rural**. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1950.
- GIACOMINI, Sonia. **Beleza mulata e beleza negra**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, n. especial, p. 217-227, 1994.
- HALL, Stuart. Globalização. In: \_\_\_\_\_, **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006, p. 67-76.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. **Tábula Rasa**, n. 9, jul-dec. 2008, Bogotá - Colombia. <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>
- McKLINTOCK, Anne. **Imperial leather, Race, gender and sexuality in the colonial contest**. Routledge, 1995.
- McKLINTOCK, Anne. **The Angel of Progress: Pitfalls of the term “pos-colonialism”**. *Social text*, n. 31/32, *Third World and Post-Colonial Issues*, p. 84-98, 1992.
- MOHANTY, Chandra Talpade; RUSSO, Ann; TORRES, Lourdes: **Third World Women and the Politics of Feminism**, Indiana University Press, p. 51-80, 1991.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis. Rio de Janeiro. Vozes. 1999.
- NOGUEIRA JR, Arnaldo. **Bunda Paixão Nacional**. *Revista Playboy* n°. 113, de dezembro/1984. Disponível em [www.releituras.com/gilbertofreyre\\_bunda.asp](http://www.releituras.com/gilbertofreyre_bunda.asp). Acesso dia 06/01/2017.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PENNA Gabriel (2013). **Sensualidade nos figurinos de Alceu Penna para Brazil Export**. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda\\_2013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Moda-Cultura-e-Historicidade/Imagens](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/ARTIGOS-DE-GT/Artigo-GT-Moda-Cultura-e-Historicidade/Imagens) Acesso dia 03/04/2015

PISCITELLI, Adriana. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008.

\_\_\_\_\_, Adriana. **Brasileiras na indústria transnacional do sexo**, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 7. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3744.html>, 2007.

QUIJANO, Aníbal. **“Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”**. In: LANDER, Edgardo. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Colonialidade do poder como meio de conhecimento: em torno de seus limites e potencialidades explicativas Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

RAGO, Margareth. **Sexualidade e identidade na historiografia brasileira**. In. LOYOLA, Maria Andreia. *A sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 175-200.

RIVRON, Vassili. *Le goût de ces choses bien à nous - la valorisation de la samba comme emblème national (Brésil, années 1920-1940)*. *Revue Actes de la recherche en sciences sociales*. 2010/1 (n° 181-182)

ROCHA, Gilmar. **Paisagens Corporais na Cultura Brasileira**. *Revista De Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan/jun, 2012, p. 80-93.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. **Rondonia**. Editora São Paulo, SP. 1975.

SHOHAT, Ella. **Notes on the “Post-Colonial”**, *Social Text*. 31/32, *Third World and Post-Colonial Issues*, p. 99-113, 1992.

SOLIVA, Thiago. **Uma cultura dos contatos: sexualidades e erotismo em duas obras de Gilberto Freyre**. *Revista Bagoas*. n. 07 | 2012 | p. 309-329

SMITH, Andrea - **A violência sexual como uma ferramenta de genocídio**. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 195-230, jan./jun. 2014.

TADIAR, Neferti **“Sexual Economies of the Asia-Pacific,” in What’s in a Rim?** *Critical Perspectives on the Pacific Region* Idea, ed. Arif Dirlik (Boulder: Westview Press, 1993)

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-425-2

